

- 23 — "Dorme, filho querido! Dorme e sonha!..."
Nossa velha canção terna e risonha
Regressa com beleza indefinida...

Tomo-lhe os braços em que me acrisolo
E durmo novamente no seu colo
Para acordar no berço de outra vida.



GONÇALO Casimiro JACOME de Araújo *



ROGATIVA

PATERNAL

- Deixem-me o corpo assim na cova rasa,
2 Sem símbolos, sem lousa, sem legenda...
Amados filhos meus, ninguém se ofenda,
Embora o imenso adeus de pranto em brasa.

- 5 Parto, revendo a infância e a velha casa,
As paredes de barro, o pão da venda,
E a pobreza que sofre sem contenda
No lar onde o carinho se extravasa.

(*) Discípulo de Cruz e Souza, integrante ativo do grupo da Rosa-Cruz, Gonçalo Jácome, depois de cursar, por algum tempo, a Escola Militar da Praia Vermelha, foi funcionário dos Correios do Rio de Janeiro. A. Muricy (Pan. Mov. Simb. Bras., II, pág. 184) diz que GJ «nunca deixou (...) o tom típico, a ênfase e o hermetismo de poeta nefelibata ou decadente». Prefaciando-lhe a obra *Inanis Labor*, achou Carlos D. Fernandes que GJ era «um místico dos primeiros séculos do Cristianis-

23. Cf. nota nº 2, pág. 36.

Nem coroa, nem manto, nem adorno,
10 Nem o luto que a lágrima entrece,
Nada que de mim mesmo, em vão, me forre!

Sentindo o sol de Deus vibrando em torno,
Quero sómente os júbilos da prece
Na alegria do amor que nunca morre...



UM AMIGO *

REGRESSO

Quis tornar, e voltei da mansão luminosa
Ao sítio que eu deixara em franca primavera.
Entretanto, ai Senhor! E' a lágrima que espera
A ilusão que eu guardava, indefinida e ansiosa...

- 5 O caminho de entrada, envolto em giesta e rosa,
6 Mostra agora murais de lodo sob a hera,
Transformara-se a casa em medonha tapera,
Monte de pedra e cal sobre a terra arenosa.
- 9 Ah! funesta ilusão, que inda agora me esmagas!...
Esposa, filhos, bens, tudo, tudo fugira,
Nem sequer uma flor que sonhe ou reconforte...
- 12 Caio vencido e só... O pranto corre em bagas,
E agradeci chorando os golpes da mentira,
A escola que há no tempo e a lição que há na Morte!

mo». (Pernambuco, 27 de Fevereiro de 1875 — Rio de Janeiro, Gb, 10 de Novembro de 1943.)

BIBLIOGRAFIA: *Felix Culpa e Inanis Labor.*

2. Atente-se na repetição intencional da preposição *sem*. Cf. Olavo Bilac, último verso do soneto "Só" (*Poes.*, pág. 182); Mário Pederneiras, 4º verso do soneto "Eterna" (*apud* Rodrigo Octávio Filho, N. Cl., nº 29, pág. 67) e Castro Alves, "Navio Negreiro" (*Poes. Compl.*, pág. 531):

Ontem simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão...

5. Cf. nota nº 4-11, pág. 58.
10. Anáfora: "Nem coroa, nem... / Nem o luto..."

(*) O comunicante não se identificou para os assistentes da reunião a que compareceu pelas mãos do médium.

5. Ler *gies-ta*, com sinérese.
6. Leia-se com hiato: *sob/a/he/ra*.
9. Atente-se na apóstrofe: "Espécie de FIGURA pela qual o autor interrompe o curso de uma narrativa para dirigir-se inesperadamente a alguém ou alguma coisa,..." (Geir Campos, *Op. cit.*)
12. Cf. nota nº 1, pág. 44.